



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do Espaço Cidade dos Direitos da Criança e do
Adolescente**

São Bernardo do Campo-SP, 28 de novembro de 2009

Nosso querido companheiro Luiz Marinho, prefeito da cidade de São Bernardo do Campo,

Convidar o companheiro... cumprimentar o companheiro Patrus Ananias, ministro de Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

O nosso querido companheiro Paulinho Vannuchi, ministro dos Direitos Humanos,

Nosso querido companheiro Aloizio Mercadante, senador da República,

O nosso querido companheiro Vicentinho, deputado federal,

Cumprimentar o Otávio Manente, presidente da Câmara Municipal de São Bernardo do Campo,

Nosso companheiro Ariel de Castro Alves, diretor-presidente da Fundação Criança de São Bernardo do Campo,

Nosso companheiro Luiz Carlos Ditommaso, juiz da Infância e da Juventude,

E cumprimentar o nosso querido Alysson Lincoln Almeida, integrante do grupo (incompreensível), por meio de quem cumprimento todos os jovens e crianças aqui presentes,

Bem, eu tinha pedido para todos os ministros falarem cinco minutos e vou tentar não passar de cinco minutos aqui. É duro, Luiz Alberto, mas a vida obriga que a gente fale pouco.

Bem, primeiro, os meus agradecimentos ao vereador Ari pelo fato de ter dado o nome deste espaço extraordinário, para cuidar da criança e do



adolescente, em homenagem a minha mãe. Eu penso que não apenas minha mãe, mas muitas mães fazem por merecer serem homenageadas num espaço que cuida de criança e de adolescente. Eu penso que os juízes especializados na questão da criança e do adolescente, eu penso que os especialistas brasileiros e as especialistas que tratam da questão da criança e do adolescente sabem perfeitamente bem que, além do problema social que resulta de pessoas sem esperança, nós temos, no Brasil, um pouco mais do que a questão social. Nós temos um processo de desagregação da estrutura da sociedade a partir da família, possivelmente causado também pelos mais de 25 anos em que a economia deste país passou atrofiada e que não se investiu nas universidades, não se investiu corretamente no ensino fundamental e não se investiu no ensino médio. Mais grave ainda é que os adolescentes brasileiros e as crianças brasileiras sem área de lazer, num processo de crise econômica que perdurou duas décadas e meia, portanto em um processo de desestruturação da economia familiar; a meninada sem ter perspectiva de estudar, sem ter perspectiva de trabalhar, e às vezes vendo, dentro de casa, um clima de guerra estabelecido entre a família, muitas vezes não resta a uma criança e a um adolescente outro caminho, senão sair de casa.

Eu lembro, Marinho, que na campanha de 1998, eu saí do comício da Praça da Sé e tinha três meninos que moravam na Praça da Sé, estavam me abraçando, e eu, por intuição, resolvi trazer as crianças para casa. Trouxe as crianças para São Bernardo do Campo, demos banho nas crianças, colocamos roupa dos meus filhos nas crianças, demos janta para as crianças, e imediatamente eles queriam ir embora. Eu fiquei insistindo para que eles dormissem lá em casa, Marisa insistiu, mas as crianças queriam ir embora. Eu achei por bem, então, levá-las e largá-las onde a gente as tinha pegado na Praça da Sé. Depois eu montei um comitê eleitoral ali na Avenida Angélica, e essa meninada passou a frequentar o meu comitê. No primeiro dia que eles foram lá, eu dei bola de futebol nova para eles, camiseta nova, tênis. Eles mal



desceram a escada, foram se desfazendo das coisas que eu tinha dado, vendendo aquilo. E por que é que eles vendiam? Eles precisavam de dinheiro para comprar cola para cheirar. Às vezes eles chegavam ao meu gabinete às 10 horas da manhã, já cheirando cola. A gente colocava eles para dormir, mandava buscar almoço, dava almoço para as crianças; eles acabavam de almoçar, eles queriam ir embora. E o pessoal que conhecia achava que era melhor não tentar segurar. Quando foi um dia, eu propus aos três que estavam lá, levá-los de volta à casa dos pais. E aí eu percebi que o lugar que eles menos queriam voltar era para a casa dos pais.

Vou contar só o caso de um deles. A mãe dele tinha... estava separada, tinha... estava morando com outro pai que, portanto, era padrasto dele, e um dos prazeres desse padrasto era bater na criança. Então, de repente, eu descobri que aquela criança, ao escolher a Praça da Sé para morar, na verdade ela estava escolhendo um lugar mais adequado e onde ela tinha melhor tratamento do que ela tinha na sua casa, junto com o seu padrasto.

Ora, eu estou dizendo isso porque também já é sabido que é impossível a gente tentar recuperar as crianças e os adolescentes se a gente não envolver, concomitantemente, a recuperação do pai, da mãe e da família. Ou seja, é um processo mais trabalhoso, é um processo mais científico, é um processo em que a gente precisa dedicar os esforços do poder público municipal, estadual, federal, os esforços de muitos empresários que contribuem hoje para que a gente possa resolver isso, os esforços de muita gente que trabalha de forma voluntária para ajudar a sociedade brasileira, porque nós temos que recuperar não um adolescente ou uma mãe. Nós temos que recuperar, praticamente, a família inteira, num momento em que a quantidade das informações que nós recebemos não são as mais adequadas.

Acho que o nosso Juiz sabe, o Paulinho Vannuchi sabe: quais são as mensagens educativas que nós recebemos através dos meios de comunicação neste país? O que as televisões ensinam 24 horas por dia para uma criança



dentro de casa? Qual é a quantidade de minutos educativos? É muito pouco, porque o interesse é eminentemente comercial, não é educativo. Se não deu lbope, não tem televisão. Então, as crianças hoje têm mais controle da televisão do que nós, no nosso tempo. No nosso tempo, nós tínhamos que levantar para mudar de canal, porque tinha que rodar o botão. Ficava brigando a família... Quem tem a minha idade aqui ou próximo a minha idade sabe, ficava o pai falando para o filho: “vai mudar de canal”. O filho falava: “não vou”; “vai a mulher mudar de canal”; a mulher: “vai você”. Por preguiça, as pessoas assistiam quase a um canal só, porque ninguém queria se levantar para mudar de canal. Hoje, com o controle remoto, a gente termina não assistindo a nenhum canal, porque cada vez que vem a propaganda, a gente está mudando de canal; quando volta, já acabou o filme, a gente começa outro pela metade, é assim a vida de todos nós.

Então, as nossas crianças... Veja, nós não temos ainda, e essa é uma guerra que nós temos que enfrentar, porque nós temos que enfrentar o preconceito, nós temos que enfrentar o preconceito muitas vezes até religioso, que não permite que você dê determinado tipo de educação nas escolas... A verdade é que, embora todos nós pareçamos muito modernos, nós não temos coragem de educar os nossos filhos, sobretudo educá-los sexualmente, a gente não tem coragem. É mãe moderna para fora que, para dentro, não tem coragem de conversar com a filha uma conversa séria. É pai moderno que não tem... É todo moderno quando está falando com os outros, mas quando chega dentro de casa, não tem estrutura psicológica para educar os filhos. E, assim, nós vemos que a estrutura da sociedade vai sendo praticamente tomada das nossas mãos porque nós não temos ações.

Veja, no governo, nós montamos uma Secretaria Especial com o status de Ministério para cuidar da questão de gênero, porque a mulher ainda, neste país, embora a Constituição diga que todos são iguais perante a lei, que todos devem ter o mesmo salário, a verdade é que a mulher ainda é tratada como



cidadã de segunda classe neste país. Portanto, não é uma questão de legislação, porque está na Constituição. Da mesma forma que o preconceito. A história, a história deste menino aqui é a história de muita gente, é a história de muita criança negra, é a história de muita criança pobre nordestina que vem para outros lugares, e que na Constituição está garantido que preconceito racial é crime inafiançável. Portanto, não é falta de lei. Não é falta de lei, é falta de cultura. Ou seja, não é trabalhar mais um projeto de lei, é trabalhar nas escolas, corretamente, a formação das pessoas, para que a gente não repita coisas absurdas que são inimagináveis, [de] 300 anos atrás. E isso acontece todo santo dia no nosso país, porque não é uma coisa que a gente resolve proibindo. É uma coisa que a gente resolve trabalhando, apostando e investindo muito. E se não começar pela escola, tudo fica mais difícil. Se a gente tiver medo de ensinar o combate ao racismo na escola, vai ficar mais difícil ensinar depois. Se a gente tiver medo de ensinar educação sexual para os nossos filhos nas escolas, vai ficar muito mais difícil depois, porque eles vão fazer aquilo que é próprio da natureza humana, muitas vezes por falta de uma explicação qualquer.

Então, eu penso, Marinho, que um espaço como este nos dá uma, uma, uma alegria. Você sabe, Marinho, que faz menos de um ano que eu fui inaugurar, que eu fui inaugurar o Território da Cidadania... o Território de Paz no bairro de Santo Amaro, em Pernambuco, que era o bairro mais violento de Pernambuco. Dez meses depois, a violência tinha diminuído 70% naquele bairro. E o que é o Território de Paz? É você ter polícia especial para tratar com o cidadão de uma comunidade e não uma polícia inimiga que atira no primeiro que vier, sobretudo se for um, primeiro, preto e pobre, sobretudo isso. Então, nós queremos que o policial converse antes. Por conta disso, criamos as Mães da Paz, que são as mulheres da própria comunidade que vão tentar descobrir adolescentes e crianças quase na linha de risco, para tentar recuperá-los para que a gente possa tratá-los. Que não se faça cadeia como se faz para bandido,



para cuidar de um pequeno que cometeu um delito qualquer. Que se dê a esse jovem a oportunidade de ele perceber que muito próximo dele tem uma chance muito maior de ele virar um cidadão respeitado na sociedade, e não amanhã virar um bandido, para ser preso.

E tudo isso, na hora em que os dirigentes políticos descobrirem, é mais barato fazer tudo isso [do que] depois manter um Fernandinho Beira-Mar na cadeia, porque para deslocá-lo para julgar custa mais do que uma viagem do Presidente da República, e é o Estado que paga. Quando, na verdade, seria mais barato construir escola, construir creche, construir oportunidades para as crianças e para os adolescentes neste país.

Bem, eu acho, Marinho, que a minha mãe poderia ser exemplo, porque muitas vezes também, de forma muito fácil, nós achamos que a pobreza é culpada de tudo. A pobreza é um item, a pobreza pode ser o alho que falta no tempero, o sal que falta no tempero, o cheiro verde que falta no tempero, mas ele sozinho não é tudo. Porque eu fico me perguntando como é que uma mulher como a minha mãe, com oito filhos, largou do meu pai, porque tinha que largar mesmo, e foi sozinha cuidar de oito filhos e ninguém virou bandido. E não é por falta de passar necessidade, não é por falta de passar fome. É que quando dentro de casa tem harmonia, não há nenhuma motivação para ninguém cometer nenhuma asneira, achando que na rua tem um lugar melhor do que dentro de casa. Não é porque não tem televisão, porque eu também não tive televisão. Não é só por isso. Porque, na verdade, tudo começa a partir de uma palavra chamada amor, que a gente tem que construir dentro do espaço de convívio familiar. Não existe possibilidade...

Então eu acho, Marinho, que um espaço como este aqui é uma bênção de Deus. É a gente sair daqui para poder dizer ao mundo que na grande cidade de São Bernardo do Campo as crianças são tratadas com o respeito que nós queremos que sejam tratadas em todo o País. Eu não acredito que tenha ser humano, eu não acredito que tenha ser humano, por mais violento que seja,



por mais... sobretudo se ele tiver menos que 18, 19 ou 20 anos, quando ele ainda tem tudo para aprender, que ele não queira se recuperar. Eu duvido. O que é preciso é encontrar um jeito, um jeito de educar. E se tiver um companheiro de 14 ou 15 anos deitado, trancafiado em uma Febem, com uma guarda do lado, com um cacetete, a gente não consegue domesticar nem cachorro, quanto mais um ser humano. Um ser humano, é outro tratamento.

Então, quando eu vejo estas crianças aqui, Marinho, eu, sinceramente, sou obrigado a sair daqui acreditando, ainda mais do que eu já acredito, que nós estamos a poucos passos, Paulinho, de fazer com que o Brasil sirva de exemplo para o mundo. E eu acho que nós estamos no caminho certo.

Laerte, eu queria te dar os parabéns pelo trabalho. Acho que isto aqui não pode ficar sendo mostrado apenas para São Bernardo do Campo, porque muitas vezes, também, a gente só vê na televisão as coisas ruins. As coisas boas que acontecem não são mostradas. E isto aqui é importante ser mostrado para que em outras cidades do Brasil as pessoas descubram que é possível e é barato a gente fazer as coisas, para cuidar com dignidade.

Por isso, meus parabéns a você, companheiro Marinho. Parabéns aos adolescentes que estão aqui. Parabéns para a orquestra que eu ouvi, para os companheiros que batucaram aí. Logo, logo vão ser convidados para ir batucar num lugar muito importante. Mas, sobretudo, parabéns à sociedade de São Bernardo do Campo. A gente vê na cara das pessoas que estão aqui que, muito mais do que os governos, a sociedade está assumindo para si a responsabilidade de criar um futuro muito melhor para a nossa cidade, para o nosso estado e para o nosso país.

Parabéns e muito obrigado pelo trabalho.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
